

Canariobox : Un ar(t) de canário. Carole Brandon

Como citar esse texto: BRANDON, C. Canariobox : Un ar(t) de canário. Traduzido do Inglês por Jessica Tardivo. **VIRUS**, São Carlos, n. 10, 2015. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=5#sect52>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Carole Brandon é mídia artista e Doutora em Artes (com Françoise Parfait, da *Université de Paris 1 La Sorbonne*), professora e pesquisadora do Departamento Hipermídia e Comunicação da *Université de Savoie Mont Blanc*, França.

Palavras-chave: v!10, *Do It Yourself*, arte, urbano, espaço público.

(http://www.nomads.usp.br/virus/carpet_data/52/media/video_01.flv)
Video 1: Teaser do projeto Canariobox. Fonte: C. Brandon.

Descrição

Silhuetas recortadas em tecido branco na escala 1/1 são espalhadas pela cidade. Cada figura é vestida à maneira de uma oferenda, com ornamentos decorativos pintados e bordados, fazendo referência à tradição mexicana do *El Día de los Muertos* (O Dia dos Mortos, ndt). Aqui, presas no espaço urbano, as silhuetas celebram o estado vivo. Oferecendo ou dando, elas animam as paredes como pontos de conexão, intercâmbio de limiares, como pagãos votivos.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br

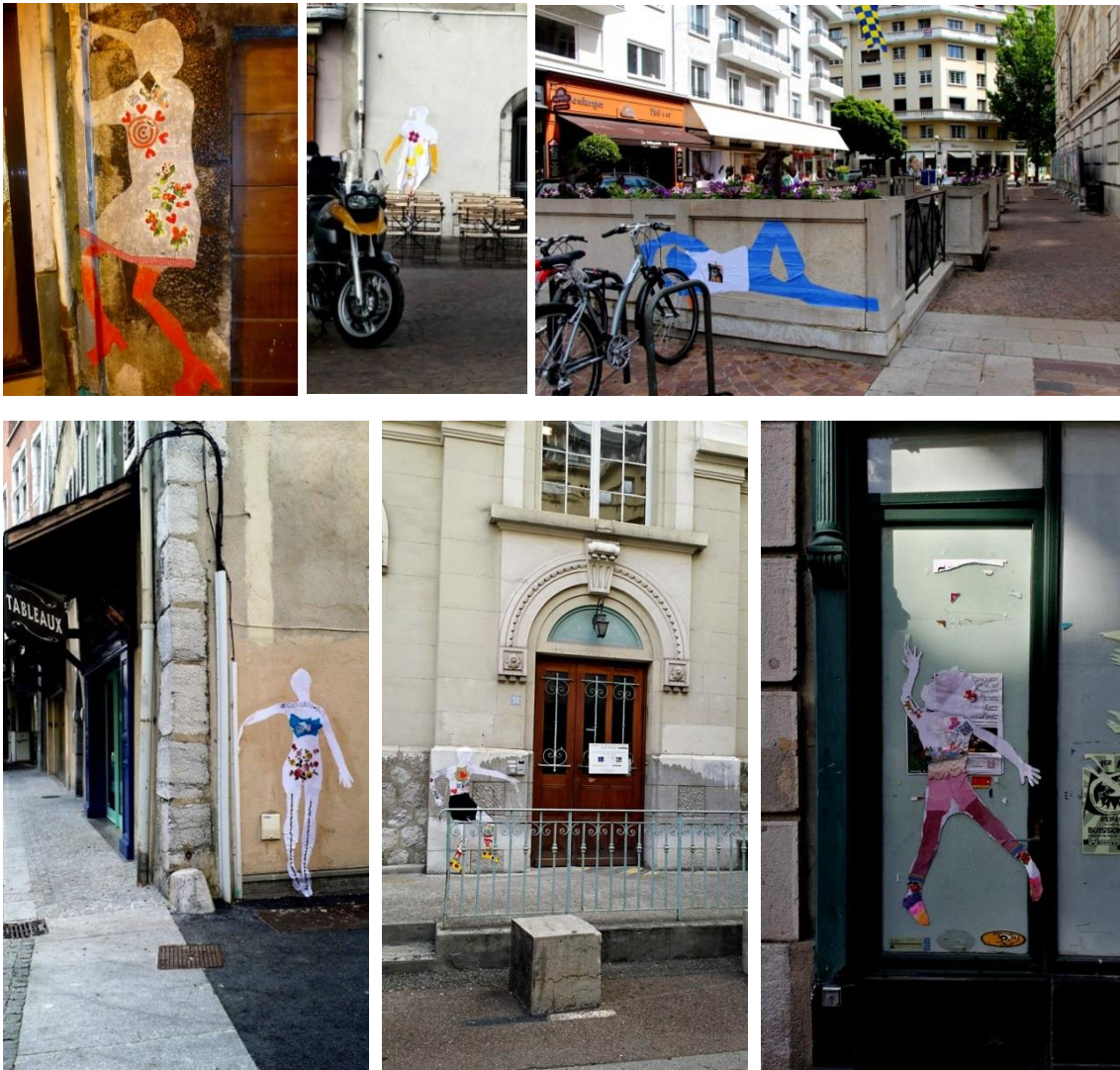


Fig. 1 a 6: Silhuetas nas paredes. Fonte: C. Brandon.

As posições do corpo dependem do lugar, escolhido de acordo com a disponibilidade da rede (a cidade de Chambéry não possui conexão em todos os lugares). "As premissas pertencem a uma lógica diferente daquela do cartão; única, apelando para o tempo, para a memória, cada uma com sua própria individualidade e envoltório corporal...". O que me interessa é a "extensão do lugar no sentido da memória profunda" [1].

Cada figura tem um *QR code* que, uma vez scaneado, permite fazer um *geotag* da figura. Cada *scan* permite arquivar mensagens de voz.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus1 | vnomads@sc.usp.br

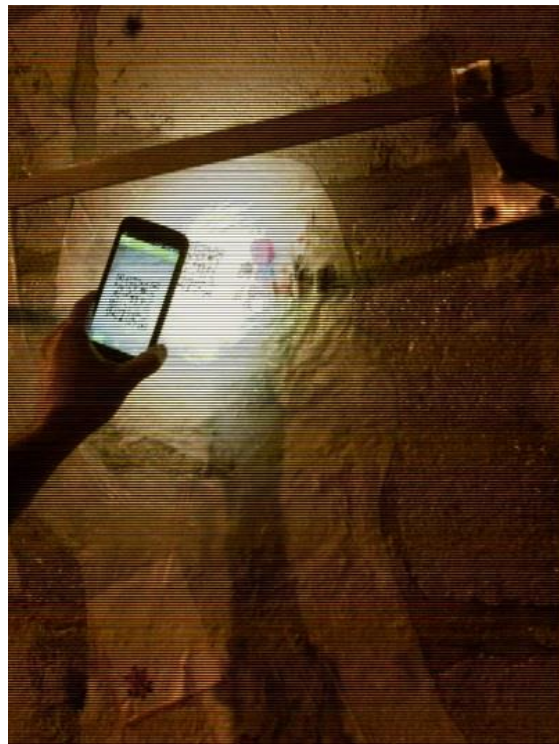
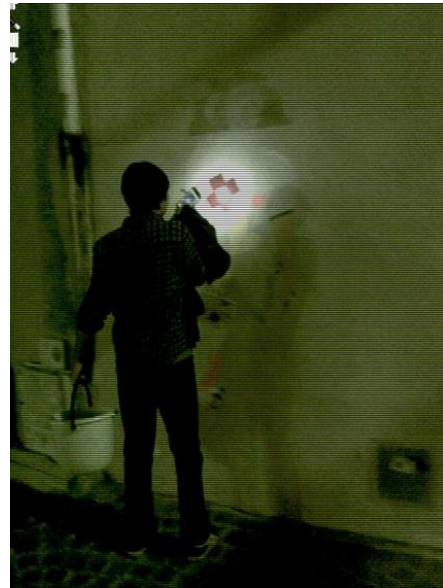


Fig. 7 a 11: Silhuetas e QR code. Fonte: C. Brandon.

O consentimento para deixar uma mensagem provê acesso ao espaço de um ninho, cuja máquina, comparada com a varinha mágica ou lanterna, revela as costuras.

Deixar uma mensagem e um registro autoriza:

- 1 acesso a outras mensagens salvas anteriormente no mesmo lugar (Fig. 12);
- 2 acesso ao mapa com a geolocalização de todas as silhuetas (Fig. 13);

3 apoio a uma associação local para ajudar as pessoas mais vulneráveis da sociedade, poucos dias antes da corrida *Odysea* (corrida contra o câncer de mama) [2] (Fig. 14 e 15).

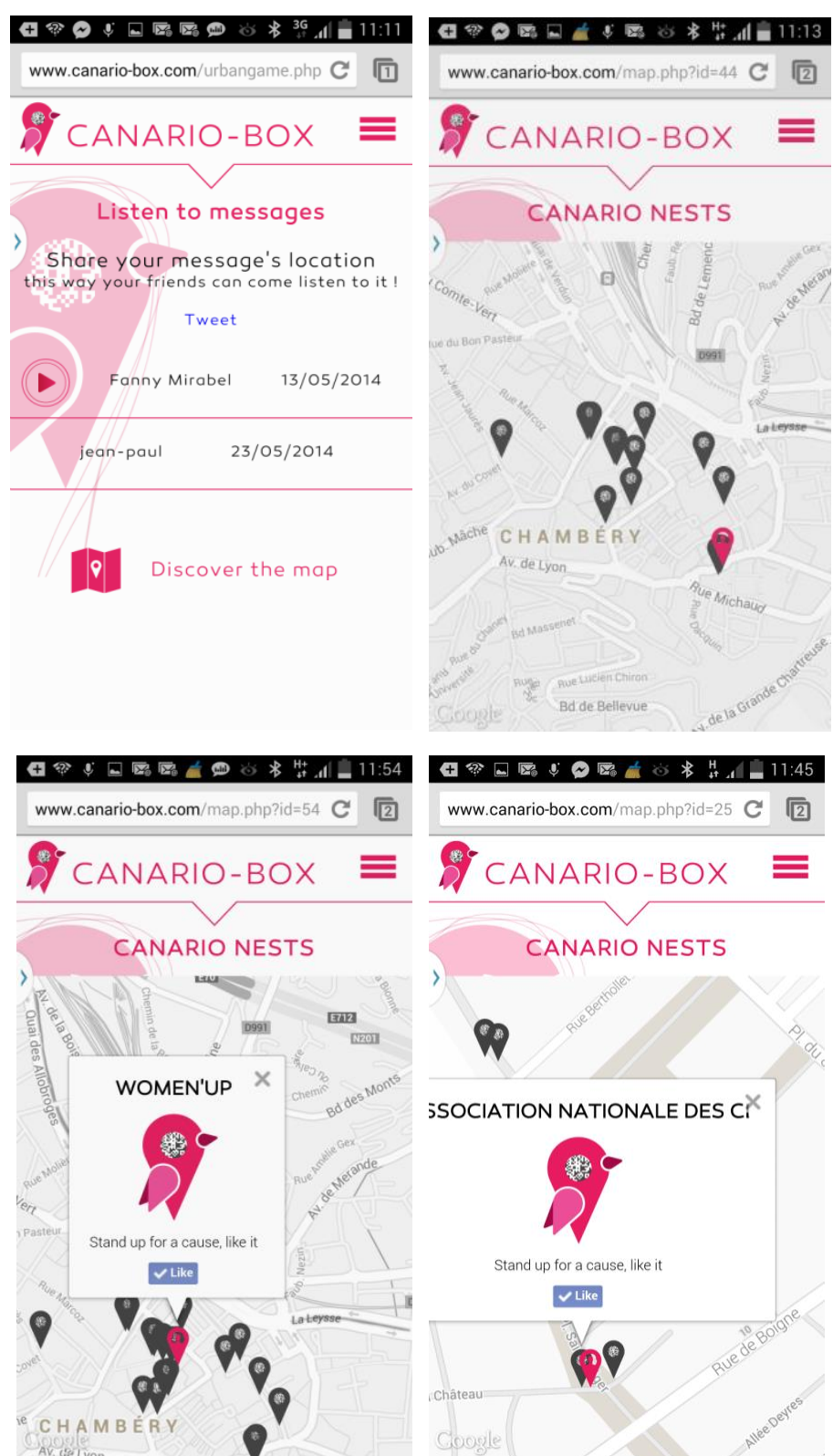


Fig. 12 a 15: Interface Canariobox. Fonte: C. Brandon

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br

Intenções

Com esse projeto, focalizamos o uso do *QR code* e das silhuetas como conectores: laços sociais entre os espaços privados e públicos, histórias individuais para a história coletiva. Que tipo de curto-circuitos dos usos (aqui, *QRcode* apenas para o *marketing*, por exemplo)? Questionamos o papel e a natureza dos vestígios que deixamos. Por outro lado, a emergência de superfícies possíveis, através de superfícies existentes mas invisíveis. Objetos digitais e inteligentes podem restaurar o sentido, a fim de recriar o link, de reconectar uns aos outros.

Descobertas: o uso do *QR code*

Esse uso não é intuitivo, tampouco comum, por isso tivemos de estar presentes, como mediadores. Explicamos como baixar uma aplicação para leitura de *QRcodes*, sua operação e como funciona. Muito poucas mensagens foram arquivadas espontaneamente. Estudos mostram que, na Europa, essa tecnologia é muito menos usada do que na Ásia. [3]

Na França, ela é sinônimo de *marketing*, remetendo apenas a vídeos ou páginas com propagandas. Com frequência, é usada como uma estratégia ou meio de atrair clientes através de uma gamificação intensa. Apesar da caça ao tesouro organizada em 31 de março de 2012 em dois distritos de Paris, para Faguo [4] isso proporcionou uma interessante corrida por prêmios: ele aponta imediatamente a redução do seu alvo e o usuário conduz consumidores pela superfície do jogo. Não há interesse pelo caráter individual, nem pelo lugar.

O experimento mais interessante é o documentário *web*, de 2011, {Raspou Team}[5], celebrando os 140 anos da Comuna de Paris, reaparecendo na superfície dos muros, níveis enterrados do passado.



Fig. 16: Raspou Team. Fonte: C. Brandon.

Esse documentário *web* usa a imagem como ilustração de um fato, como memória real e como conector: a relação entre todos os elementos colados no espaço urbano (cartazes e capas de jornais com *QR codes* e imagens em formato de propaganda) une-se à categoria de mídia impressa. Eles contam um evento. Como um jogo urbano, o usuário irá mover-se para fatos de lugares e descobrir suas histórias.

No Canariobox, nós daríamos aos usuários a possibilidade de submeter suas próprias mensagens: a ideia veio de escritas livres e espontâneas de amor, de raiva, espalhadas pela cidade. Como a ponte Alma, onde o local em que faleceu Lady Di não possui monumento algum, mas tornou-se monumental com o acúmulo de mensagens escritas nos elementos urbanos.



Fig. 17 a 19: Ponte Alma. Fonte: C. Brandon.

Estranhamente, postar uma mensagem foi, para ambos os usuários, como deixar escapar um segredo. Falar com as pedras, um grande cartaz do outro lado da parede, dar valor à informação privada. Confiar é uma maneira de falar, como um alívio para o corpo.

([audio 1](#)) ([audio 2](#))

Áudios 1 e 2: Depoimentos. Fonte: C. Brandon.

Mas os participantes também brincaram com a mensagem em si, de forma oculta e anônima, como ficções, mentiras, fantasias.

([audio 3](#)) ([audio 4](#))

Áudios 3 e 4: Depoimentos. Fonte: C. Brandon.

Infelizmente, o centro da cidade de Chambéry, protegido sob sua herança e história, congela e bane todas as propostas inesperadas. As silhuetas estão presas juntas há uma hora ou há 15 dias para alguns outros (como nas lojas vazias ou esquinas já tagueadas). Nós não conseguimos deixar as mensagens proliferarem e medir o impacto viral ou mesmo o uso que poderia ter sido feito delas.

O monumento contra o Fascismo (de 1986 a 1993), Jochen Gerz e Esther Shalev-Gerz, é abordado com mensagens racistas e neo-nazistas. Elas devem ser capazes de existir em meio a outras: existe uma ecologia digital, por fim? Como usá-la? Como o *Indignés*, o Anonymous, a Primavera Árabe, e os acontecimentos após os assassinatos no *Charlie Hebdo*.

Transformar a cidade num museu e controlar o espaço urbano, impondo-nos usos: este trabalho apoia a ideia de se voltar a usar o espaço urbano não só como uma trama imposta (Michel De Certeau 1980)[6], mas, antes, como um espaço de vida coletiva, no qual nossas práticas individuais e cotidianas redefinem os contornos que cidades de grande escala, como Paris, Berlim e Barcelona, ainda permitem.

Como a iniciativa de *parkingday* [7], que desvia legalmente o uso de pagar por uma vaga de estacionamento, a fim de apropriar-se desse espaço. Muito desapontador. Uma vez que a espontaneidade e o inesperado se perderam num evento planejado,

de repente ele perde seu significado. O inesperado faz a experiência deste projeto ser realmente vital, e nós temos que continuar a ajudar a aceitação da heterogeneidade das mensagens, do efêmero e do instável em nosso cotidiano.

Encontre zonas de namoro

A iniciativa em Lyon, a primeira cidade a adotar, em 2004, um painel de ética da CCTV, na França, é mapear os locais das câmeras de vídeo de forma colaborativa [8]. Não são as áreas sem supervisão que nos interessam aqui, mas sim as áreas "livres", essa espécie de zonas de respiro das quais, em última análise, o Canariobox depende. Do bordado das mensagens deixadas. Como elas finalmente respondem umas às outras?

Canariobox está apenas tentando oferecer uma alternativa à onnipresença de um poder, não só na cidade mas também nas redes digitais: "entre as cores e os visíveis presumidos, encontraríamos o tecido que os envolve, os sustenta, os alimenta, e que não é coisa, mas possibilidade, latência e carne das coisas." [9].

Esse envolvimento ativo permite acessar outras informações; o investimento pessoal revela outros mundos. Essa é a questão posta pela obra *BorderXing Guide* (2002), de Heath Bunting [10]: Artista financiado pela Tate gallery, de Londres, viajou na Europa para listar todas as áreas com delimitações livres (não vigiadas). O acesso ao mapa só é possível se você estiver em um dos locais listados nele, ou se você tiver um endereço IP estável (o que só é possível em universidades, por exemplo). O projeto reverte o uso da Internet ao conectar um novo uso de fronteiras geográficas. Essa re-conexão nos lugares (de liberdade) é um anti "*Blut und Boden*". Canariobox questiona essa conexão, não o indivíduo na história do lugar, mas sim na área de liberdade de nossa vida diária. Como uma mensagem insignificante afixada na geladeira antes de sair de casa, ela pode ter valor como um rastro, um dia. Fascinantes nos trabalhos de Till Roeskens, essas micro-histórias restauram lugares como uma resistência imprevisível [11].



Fig. 20 a 22: Silhuetas nas ruas. Fonte: C. Brandon.

Apesar do Google Goggles ter inventado uma aplicação para telefone celular onde o sistema decodifica informação de uma imagem e a situa, isso certamente recontextualiza cada informação sobre ela, de um banco de dados também abastecido por usuários da Internet.

Esta globalização repudia o corpo na experiência do lugar, esta balada imposta pelo Canariobox se reposiciona na linha dos jogos urbanos, o corpo em sua escala relativa ao local.

Porque um "*entrecroisement de corps, de passions et de hasards : c'est cela qui, dans ce discours, va constituer la trame permanente de l'histoire et des sociétés. Et c'est simplement au-dessus de cette trame de corps, de hasards et de passions, de*



cette masse et de ce grouillement sombre et parfois sanglant, que va se bâtir quelque chose de fragile et de superficiel, une rationalité croissante, celle des calculs, des stratégies, des ruses" [12]

Como pensar numa nova estratégia para reaver o poder? Será que o espalhamento dos pontos de entrada num território específico, na base de dados, assim como na incontável heterogeneidade das mensagens e especialmente na impossibilidade de vigilância dão finalmente ao Canariobox um razão para re-unificações?

(http://www.nomads.usp.br/virus/carpet_data/52/media/video_02.flv)
Video 2: Teaser projeto Canariobox, Chambéry. Fonte: C. Brandon.

Créditos

Interactive Street art, imaginado, criado e coordenado por Carole Brandon, auxiliada por Arnaud Burgniard (designer de smartphone e interface web).

Marine Reymond (assistente criativo) e Edwin Contat (design gráfico) Estagiários no período de 22 de abril a 13 de junho 2014.

Realizado em maio de 2014 na cidade de Chambéry com a participação do *Master1* em Hipermídia e Comunicação do Departamento de Comunicação e Hipermídia da Universidade Savoie Mont Blanc; de nossos voluntários dinâmicos Ghislaine, Jeanne, Sarah, Charlie, Frank, Marc, Rudy, Robert, Anissa, Damien, e todos os meus alunos do *Infocom Licence1* em Informação e Comunicação de Chambéry.

Notas

[1] Cauquelin Anne, *le site et le paysage*, éditions PUF Quadrige, Collection Essai Inédit, Paris, 2002, p.79-80

[2] <http://www.odyssea.info/chambery/>

[3] <http://www.emarketer.com/Article/US-Ahead-of-Western-Europe-QR-Code-Usage/1009631>

[4] <http://www.linternaute.com/homme/mode-accessoires/faguo-tresor-une-chasse-au-tresor-dans-paris.shtml>

[5] <http://raspouteam.org/>

[6] De Certeau Michel, *L'Invention du quotidien*, 1. : *Arts de faire*, éd. établie et présentée par Luce Giard, Paris, Gallimard, 1990 (1^{re} éd. 1980)

[7] <http://www.parkingday.fr/>

[8] <http://lyon.sous-surveillance.net/>

[9] Do francês: "*entre les couleurs et les visibles prétendus, on retrouverait le tissu qui les double, les soutient, les nourrit, et qui, lui, n'est pas chose, mais possibilité, latence et chair des choses.*" Merleau-Ponty, Maurice, *Le visible et l'invisible*, éditions Gallimard, Collection Tel, Paris, 1979, p.175.

[10] <http://www2.tate.org.uk/intermediaart/borderxing.shtml>

[11] «j'ai demandé aux habitants du camp de Aïda, Bethléem d'esquisser des cartes de ce qui les entoure. Les dessins en train de se faire ont été enregistrés en vidéo, de même que les récits qui animent ces géographies subjectives à travers six chapitres, vous découvrirez pas à pas, le camp de réfugiés et ses environs, vous suivrez les trajets de quelques personnes et leurs tentatives de composer avec l'état de siège sous lequel ils vivent. Un hommage à ce qu'on pourrait appeler résistance par contournement, à l'heure où la possibilité même de cette résistance semble disparaître.»

Till Roeskens in revue de presse exposition Musée Château Annecy, juin 2009

[12] Foucault Michel, *Il faut défendre la société*, éd. Gallimard Le Seuil, coll. Hautes Etudes, 1997, Cours du 21 janvier 1976, p. 47